

1.Capítulo

Aos pais, os nossos sinceros agradecimentos pelo esforço para custear a faculdade, pela paciência de agüentar o nosso mau humor na época de provas, pelo esforço em nos ajudar nos trabalhos escolares, pelo incentivo em nos dar o empurrão que precisávamos nas horas de fracasso e decepção.

A vocês, pais, dedicamos este momento de vitória que com orgulho, possamos dizer que vencemos mais uma etapa.

Debaixo de salvas de palmas, dois dos pais da plateia sobem ao palco, representando todos os pais presentes.

Bianca, de beca e diploma na mão, abraça os seus pais, em prantos, comemoram aquela conquista.

Chuva de prata e papel picado, cartolas sobem como pipocas estourando, tudo isso ao som da música “Chariots off Fire”.

Os paraninfos, professores, pais, alunos todos se misturando e celebrando a grande festa.

A alegria de Bianca transcendia a beca em seu olhar apaixonado pela profissão. Acabara de se formar em jornalista e realizar um sonho.

Uma festa íntima a aguardava em seu apartamento, onde Felipe lá se encontrava.

_ Bianca, você merece muito pelo seu esforço, aproveite estes momentos de glória.

_ Não sei Felipe, se é um momento de glória, ou se estou apenas iniciando uma grande luta, pois ser jornalista neste país não é muito fácil. Se aproxima a sua mãe.

_ Dona Patrícia, o que te preocupa?

_ Me preocupo, filha, com você vindo morar sozinha aqui nesta cidade grande para terminar sua tese.

Filha! Você está linda, os seus olhos já mostram tudo, o seu apartamento é muito bom mas

não é pequeno? Tem certeza de que não posso vir morar com você pelo menos no...

Não! Não! Não! Dna. Patrícia; fique tranquila que já sei trocar minhas fraldas sozinha: He, he!

Vai ser bom para mim mãe, eu já tenho 24 anos e acho que chegou a hora de me emancipar.

_Eu sei filha, eu entendo disse seu pai.

_Chegou a hora de você crescer profissionalmente e como pessoa, mas nunca se esqueça de que estamos com você para tudo que precisar.

_É claro pai! Eu sei disso e é por essa causa que estou segura. O pior da vida é quando nos arriscamos e sem sucesso, não termos para onde voltar.

_Mas você sabe que...e antes que sua mãe terminasse a fala. Não Patrícia, ela não vai voltar porque vai vencer e o sonho da nossa filha vai se realizar tenho certeza disso.

_Obrigado pai por você ser como é.

Todos se abraçaram acompanhando até a porta, para se despedirem dos últimos convidados da festa.

Voltando, ficaram a sós Bianca e Felipe, o que já ajudava arrumar a bagunça da festa.

_Você já tem algum assunto para a sua matéria?

Bianca chegando próxima a janela, olha a vastidão de prédios iluminados, aquela cidade fria, violenta e sombria, e com olhar assustado comenta:

_Nesta cidade assunto não falta, o que preciso é enxergá-los de um ângulo diferente.

Felipe se aproxima com a vassoura na mão como se fosse uma metralhadora.

_Contar diferente a história, como você vai fazer isso sabendo que a violência só tem uma versão?

Apontando a vassoura para Bianca, que num gesto rápido a retira rapidamente, primeiro, como se tivesse o desarmando, depois, o varrendo para fora do apartamento.

_ Ei! espere aí, ainda tem muita sujeira por aqui.

_Pode deixar, amanhã é outro dia e sujeira grossa tem que limpar gradativamente...

Os dois se beijam e Felipe apanha a sua chave e os documentos e vai embora contrariado.

_Eu bem que podia dormir aqui hoje só para te ajudar?

_Não! Não! me deixa gostar do meu primeiro dia de liberdade, amanhã a gente se vê...tchau!

Bianca se encosta na porta e observa seu apartamento se recordando dos amigos que estiveram ali para comemorarem juntos com ela aquele momento.

No dia seguinte, Bianca chega aos associados, prédio localizado na praça da Sé, bem no centro de São Paulo.

_Bom dia pessoal!

_Bom dia Bianca. Soube que você está morando sozinha!!disse se insinuando para ela Joaquim, o seu companheiro de escritório.

_É verdade, Joaquim, e eu soube que você está morando com a sua esposa, não é mesmo?

_Pegou pesado hein?

_ Bom dia chefe!

_Bom dia Bianca, vejo que está atrasada!

_Mas não são oito horas da manhã ainda!

_Atrasada com a matéria. Primeira lição: o jornalismo não tem horário tem matérias. Nem que para isso tenha que virar a noite, entendeu!

_Pode crer, chefe, já estou indo...fui!

Ela sai dos associados com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça.

Percorre o metrô de São Paulo e comece a reparar no

rosto de pessoas apressadas, nas famílias andando juntas como se tivessem protegidas ou protegendo umas às outras, as cores das vestimentas, os pedintes, os executivos engravatados, esfomeados por um sanduíche rápido e barato.

Desce na Estação Santa Cecília e começa a admirar as estruturas dos prédios, do minhocão (Viaduto Costa e Silva) percorreu a igreja de Santa Cecília vislumbrando os detalhes e sentou-se num banco de jardim de frente a igreja Santa Cecília, que para ela passou a ser a santa protetora dos jornalistas. Apanhou sua caneta e agenda, e começou a descrever tudo o que vira, na sua frente, começou a admirar a estrutura antiga da construção da igreja, e começou a pensar com ela mesma.

Oh! Meu Deus! Me ajude a descobrir algo que ninguém está vendo, ninguém observou nem deu muita importância, me ajude a escrever esta matéria que poderia ser a matéria da minha vida, e dos seus olhos escorreu uma lágrima de angústia e desconsolo.

Bianca observou o barulho das ruas, a poluição, a sujeira das ruas e a angústia nos olhares dos transeuntes.

De repente uma figura chamou a sua atenção. Tratava-se de um mendigo, maltrapilho, com roupas esfarrapadas, porém não se tratava de um mendigo comum, pois com as pernas cruzadas parecia ser elegante demais, ainda mais lendo

atentamente um pedaço de jornal todo amassado, com uma caneta azul toda borrada a qual ticava as notícias, com postura de um executivo.

Sem perceber parou de escrever e ficou só observando aquela figura bizarra. Tentou enxergá-lo de uma forma diferente, indagando o porquê daquela pessoa chegaria naquela situação reprimível, tão baixa, tão suja e sem pretensão.

Mas de repente chega perto dele um cachorro todo sujo, sarnento e esquisito, daqueles bem vira-latas, e começa a urinar em sua perna.

O mendigo ao perceber tal fato, levantou-se imediatamente e chacoalhou a perna, assustado. Quando se deu conta do que havia acontecido começou a gargalhar, recolhendo o cachorro em seu colo, cochichando em seu ouvido como se o cão pudesse o entender.

Este fato, aguçou ainda mais a curiosidade de Bianca em relação ao distinto e bizarro mendigo, dando-lhe coragem para se aproximar do mesmo.

Olá! Tudo bem?

_Tudo bem! Diga olá pra moça, rex!, fazendo referência com a cabeça do bichinho.

_Posso me sentar ao seu lado?

_É sempre um prazer receber uma jovem bonita em minha casa Ops! Quero dizer em meu banco, se é que posso dizer que é meu. Me deixou curiosa ao ver você, a ponto de vir conversar com um estranho! Nesta cidade isso é muito raro.

_Pois é, mas você não viu o que esse cachorro acabou de fazer em sua perna? E você ainda brincou com ele!

_O rex? Ah! Você quer dizer, dele ter me urinado na perna? Eu entendi como se fosse um troco.

_Por vingança, como assim?

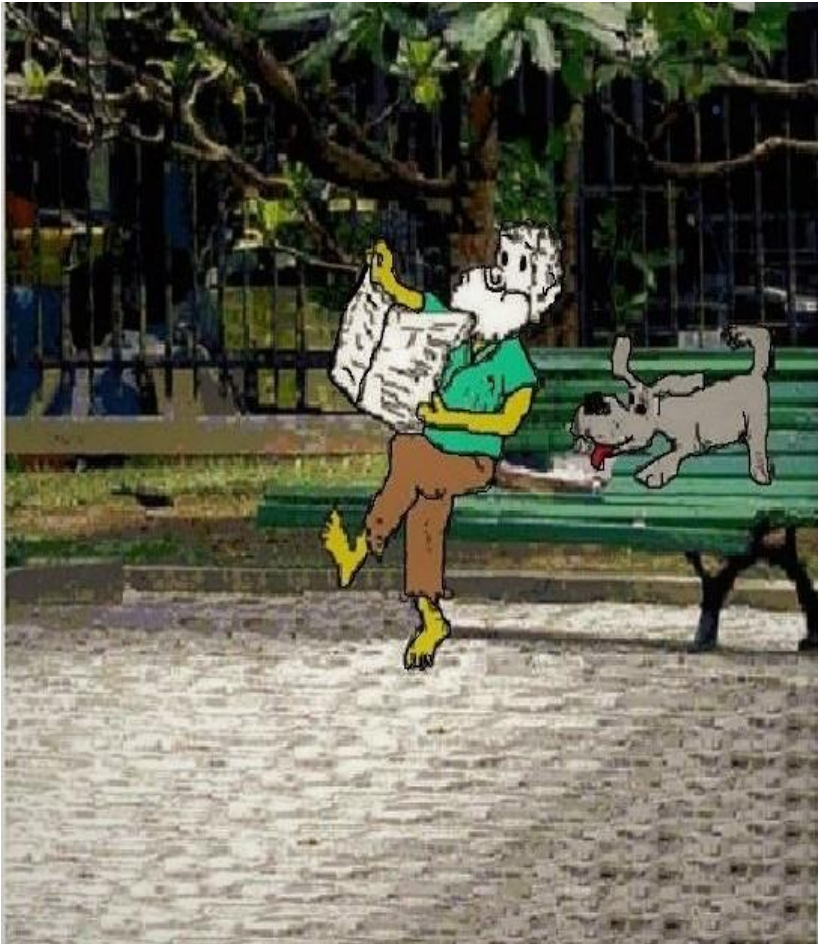
_Ontem à noite eu exagerei um pouco na bebida e me deu uma vontade de fazer xixi, corri para atrás da moita e descarreguei me aliviando, estando escuro não percebi que o rex dormia ali, coitado levou um banho.

O cachorro começou a latir na mesma hora como se estivesse contestando.

Por isso encarei como um troco ou vingança, agora estamos quites né, rex! olhando para o cachorrinho, que parecia concordar.

Bianca ficou parada observando aqueles dois saírem correndo, rolando na grama como duas crianças.

Não conseguia entender aquela mistura de lucidez sensata com maluquice generalizada, mas cada vez mais se envolvia



começando a tirar fotos.com aquele clima alucinógeno
correndo atrás dos dois,

_Qual é o seu nome?

_Nome para quê.

_Para podermos nos comunicar!

_Então, me chame de Digo.

_Seu nome é Rodrigo?

_Não, “Digo” de mendigo, he! he! é o que eu sou.

_Entendi, gostei. Eu me chamo Bianca, sou jornalista
sabia?

_Eu já sabia!

_Como já sabia?

_Pela quantidade de perguntas que me fez, ou é jornalista,
ou é detetive da polícia.

Enquanto conversavam caminharam para debaixo do
viaduto próximo a avenida São João.

Sabe, Bianca, antigamente essa avenida era lugar onde as
pessoas passeavam, namoravam se divertiam.

_Antes de existir o viaduto?

_Isso mesmo, o carnaval gostoso era o de rua.

_Mas com o Sambódromo ficou mais organizado não
ficou?

_ Isso mesmo, ficou organizado demais “Botaram corda no meu bloco”.

_ Não entendi nada.

“Não põe corda no meu bloco
Nem vem com teu carro-chefe
Não dá ordem ao pessoal
Não traz lema nem divisa
Que a gente não precisa
Que organizem nosso carnaval
Não sou candidato a nada
Meu negócio é madrugada.

_ Isso é João Bosco!

Por um bloco que aumente
O movimento
Que sacuda e arrebente
O cordão de isolamento.

_ Antigamente, na época do carnaval, as crianças saíam nas ruas e participavam de guerras de seringas a

• Plataforma (1977) – João Bosco e Aldir Blanc.

À noite, os blocos vinham dos bairros, cada qual com seu enredo, fantasia e todos e tudo se misturava.

Digo se agacha no chão junto com Bianca, apanham algumas pedrinhas de uma construção e separam em alguns blocos e empurra com a mão.

_Quando os blocos se misturavam, eram os ricos com os pobres, os negros com os mestiços, japoneses com nordestinos, você via a alegria no olhar do povo.

_Mas nos desfiles você não encontra a mesma alegria?

_Encontro uma alegria contida! Isso não é alegria, o povo oprimido nas ruas nas vilas, favelas, durante o ano todo em suas profissões, suas mágoas, e quando chega o carnaval é a oportunidade delas se soltarem, mas aí vem

homem!

_Que homem você está falando meu Deus do céu?

Digo apanha uma madeira e empurra as pedras para o lugar, crava um pontalete e surta.

_Não bota nome no meu samba, bota nome no carro chefe, não dê ordem ao pessoal...

A classe média percebeu que dava para ganhar dinheiro com o carnaval, daí acabou a espontaneidade.